

Pequenos acionistas do BES querem reaver perdas de 250 milhões de euros

Pág. 23

Nº 1562 / 31 de outubro 2014 / Semanal / Portugal Continental 2,20 €

DIRETOR
João Peixoto de Sousa

VidaEconómica

EMPRESAS, NEGÓCIOS, INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

www.vidaeconomica.pt

MERCADOS

BEI empresta 500 milhões a bancos portugueses para financiarem PME

Pág. 24

ASSOCIATIVISMO

Portugal enfrenta as incertezas da globalização com a sua história e identidade

Págs. 4 e 5

FISCALIDADE

Governo reviu meta do défice para evitar aumento dos impostos

Pág. 21

Comissão Europeia revela

Evasão fiscal em Portugal desce para o nível dos países nórdicos

Portugal está entre os países com menos Gap do IVA



Fonte: Comissão Europeia, dados relativos a 2012.

Pág. 7

SUPLEMENTO METAL

O melhor mês de sempre
Exportações do setor metalúrgico e metalomecânico aumentaram 8,2%

Pág. 8

SUPLEMENTO POUPANÇA

Novas tecnologias podem ajudar consumidores a poupar

Pág. 4

SUPLEMENTO IMOBILIÁRIO

Omissão da reabilitação urbana no OE 2015 compromete futuro do setor

Pág. 1

INVESTIMENTO

Banco BIC disponibiliza 25 milhões para as empresas de Barcelos

Pág. 18

YouLead

Agência de Inbound Marketing

PRODUZIMOS CAMPANHAS QUE GERAM MAIS VENDAS

Estratégias de Email Marketing

Ajudamos a:

Fechar mais negócios

Gerar visitas para o website

Converter visitantes em oportunidades de venda (leads)

Telefone: 21 782 81 01 www.youlead.pt

EMBAIXADOR DA CHINA EM PORTUGAL

“O povo, a realidade e o tempo dirão se o investimento chinês é bom para Portugal”

Pág. 6

FIAT, AUDI E VOLKSWAGEN EM DESTAQUE NO PRIMEIRO SEMESTRE

Reembolso de ISV nos automóveis exportados ultrapassa 4,6 milhões de euros

Págs. 30 e 31

accountia

Business Consulting & Accounting

Os números são a nossa palavra.
www.accountia.pt

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM REPLICADO FLEXÍVEL DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ARRANCAR PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE11552011GRC

TAXA PAGA PORTUGAL OCE NORTE



9 720972 000037



61 Milhões

de clientes em todo o mundo
confiam na Sage para a gestão do seu negócio.

sage

www.sage.pt

ATUALIDADE

Apetro dá razão ao presidente da Galp

A Associação Portuguesa de Empresas Petrolíferas (Apetro) diz que os combustíveis vão subir entre cinco e seis cêntimos, no ano que vem, pelo que as contas do presidente da Galp, Ferreira de Oliveira, estão corretas. A Apetro contesta, assim, as afirmações do ministro Moreira da Silva, que afirmou que as contas do empresário não tinham adesão à realidade. Mas a associação das petrolíferas garante que o acréscimo nos preços vai resultar de um efeito em cascata de três medidas diferentes, no âmbito da reforma da fiscalidade verde.

JAIME NOGUEIRA PINTO NAS JORNADAS EMPRESARIAIS AEP/SERRALVES

Portugal enfrenta as incertezas da com a sua história e identidade

Num mundo “marcado pelas ideologias”, em que nacionalismos e democracia voltaram a ter de coexistir, e a passar por tempos de “indiferença e volatilidade”, Portugal deve tirar partido da sua História e da identidade do seu povo, afirmou Jaime Nogueira Pinto, na palestra de abertura das V Jornadas Empresariais AEP/Serralves.

Portugal pode enfrentar os desafios da globalização económica e das “incertezas políticas” se se voltar a afirmar como “nação antiga, com grande capacidade de viver e sobreviver”, e terra de um povo que sabe “valorizar as suas fronteiras e defender a independência nacional”.

Desta forma, apontou Nogueira Pinto, pode ultrapassar o problema da dimensão num “mundo de geometria variável” em que a demografia, as fronteiras, a energia e a alimentação são causas de preocupantes conflitos. No fundo, sublinhou aquele professor universitário e escritor, é ter presente o exemplo do Infante D. Henrique no primeiro movimento de globalização.

Com a geopolítica mundial marcada por “fenómenos” como o Estado Islâmico, o exa-



Jaime Nogueira Pinto, Paulo Nunes de Almeida e Ana Maria Macedo Silva.

cerbar do “nacionalismo histórico” de Vladimir Putin à frente da Rússia, a crise na Europa e a afirmação da China como segunda potência económica global, o país e os portugueses têm de passar a viver “tempos de convergência que garantam o bem comum”, salientou ainda Nogueira Pinto. “Mais do que muitos outros de que se tem falado, o maior problema de Portugal tem a ver com a falta de

futuro. Os portugueses devem ter consciência disso”, disse.

A “prioridade” da ferrovia

Antes, na sessão de abertura, Paulo Nunes de Almeida, presidente da Fundação AEP – que em parceria com a Fundação de Serralves organiza o encontro há cinco anos consecutivos –, havia já lançado um olhar prospetivo sobre o nosso futuro

coletivo.

“Portugal não pode nem deve desaproveitar os seus recursos endógenos nem as oportunidades com que está desafiado à escala europeia”, apontou. Nesse sentido, a nova geração de fundos comunitários e os programas em vigor até 2020 – à escala europeia, nacional e regional – devem servir para Portugal se tornar “mais central na Europa” e fazer os investimen-

tos em transportes e logística que “promovam o crescimento da economia e as nossas exportações de bens transacionáveis”, referiu Paulo Nunes de Almeida. Nesse contexto, as ligações ferroviárias a Espanha e a melhoria da resposta logística nos nossos portos de mar “devem ser prioridades nacionais”.

Por seu lado, Ana Maria Pinho Macedo Silva, administradora da Fundação de Serralves, referiu o papel dos agentes culturais na “projeção de Portugal no mundo”, realçando o caso da instituição a que está ligada. Ao longo dos seus 25 anos de existência, disse, Serralves tem sido uma “instituição de afirmação e valorização” da cidade e do país, mercê de uma programação que tem combinado a melhor produção artística nacional com o trabalho de grandes artistas estrangeiros.

Entretanto, no primeiro dos cinco painéis de debate, que juntou gestores de cinco empresas da área de transportes e logística, voltou a referir-se a necessidade de Portugal investir na modernização da ferrovia. Não só por questões ambientais, fazendo diminuir o tráfego rodoviário, mas, sobretudo, para escoar, com ganhos de eficiência económica, as mercadorias produzidas nas nossas empresas e as que chegam do exterior a portos como o de Sines, cuja centralidade, aliás, se tem acentuado no quadro europeu.

“Está quase tudo por fazer na ferrovia a nível ibérico, mas Espanha tem fortes investimentos em curso. Se Portugal se atrasar, corremos o risco de nos tor-

PUB



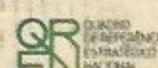
SERRALVES

A Fundação AEP e a Fundação de Serralves agradecem o contributo dos oradores e a participação de todos quantos acompanharam as V Jornadas Empresariais AEP | Serralves.

Patrocinador exclusivo:



Financiamentos:



Insolvências tendem a baixar

Portugal registou 3031 novos processos de insolvência, no terceiro trimestre, menos 5,9% do que em igual período do ano passado, de acordo com a Crédito y Caución. É um número que poderá revelar uma inversão na tendência de agravamento das insolvências. "Desde há muito que se vislumbram sinais de melhoria económica em Portugal e se assiste a um aumento da confiança das empresas na recuperação da atividade económica. Pode-se falar agora de contenção das insolvências e de uma inversão de tendência de expansão", refere a entidade em comunicado.

Comissão dá luz verde ao banco de fomento

A Comissão Europeia autorizou Portugal a criar o denominado banco de fomento, tendo em conta que possibilitará melhorar o acesso das PME ao financiamento, sem colocar em causa as regras comunitárias em matéria de concorrência. A Instituição Financeira de Desenvolvimento vai começar a funcionar com uma dotação de 100 milhões de euros e ficará localizada na cidade do Porto. O capital é detido na totalidade pelo Estado e não pode ser investido em dívida pública nacional.

globalização

A missão empresarial faz parte do projeto de internacionalização da AEPF e é financiado pelo QREN.

...narmos numa ilha e de pouco valer o esforço de grande parte das nossas empresas, que continuam a apostar nas exportações", acentuou Miguel Lisboa, da Takargo, o único operador ferroviário nacional privado.

Angolanos investem em Portugal para reforçar capacidade industrial

No painel seguinte, em que participaram três gestores portugueses de outras tantas multinacionais estrangeiras a operar em Portugal, Mira Amaral, administrador do Banco BIC, destacou a importância dos investimentos angolanos na nossa economia e as oportunidades que continuam a existir em Angola.



As Jornadas Empresariais juntaram a Fundação AEP e a Fundação de Serralves tendo reunido mais de 300 participantes.

Na fileira da construção, mercê do vasto programa de investimentos públicos em habitação social em curso, há um amplo campo de cooperação, exemplificou. Desde as empresas construtoras propriamente ditas às indústrias de mobiliário e de artigos de decoração, passando pelos materiais de construção, as empresas portuguesas têm ali um interessante mercado.

Mas, alertou o antigo ministro da Indústria português, o paradigma do investimento angolano em Portugal mudou. E depois de a Sonangol ter atuado como um verdadeiro fundo soberano (como na Galp e no BCP, apontou), agora os investidores angolanos apostam em "verdadeiras parcerias" com empresas portuguesas: investem cá para replicar no seu país de origem as fábricas de que Angola necessita. Desta forma, estão a substituir as exportações pelo incremento da sua base industrial, servindo-se do conhecimento, capacidade de fazer e experiência das empresas portuguesas.

As V Jornadas Empresariais AEP/Serralves enquadram-se no projeto Aprender da Fundação AEP, contando com cofinanciamento do Compete, ao abrigo do QREN. A KPMG foi o patrocinador exclusivo.

JORNADAS EMPRESARIAIS AEP/SERRALVES

Cooperação entre Ciência e empresas vai determinar posição de Portugal no Mundo



José António Barros, Artur Santos Silva e Luís Valente Oliveira intervieram no debate.

Atitude, rumo estratégico, estímulo ao investimento privado, formação do capital humano e geração de conhecimento. Estes são os cinco fatores que tendem a determinar a afirmação de "Portugal no mundo".

Em poucas palavras, foi esta a ideia-força saída das V Jornadas Empresariais AEP/Serralves, que na passada semana tiveram lugar, no Porto, e em que mais de uma vintena de gestores, empresários e académicos se pronunciaram sobre o papel de "Portugal no mundo".

Ao longo de todo o dia, o auditório de Serralves esteve quase sempre repleto e os participantes — na sua maioria, decisores empresariais, professores e outros agentes do sistema científico e tecnológico nacional — saíram enriquecidos, com mais informação e melhor conhecimento sobre os desafios com que Portugal está confrontado na era da globalização: profundas mudanças na Europa e afloramentos de um nacionalismo que gera tensão e violência em várias zonas do globo.

Ciente disso, na palestra de encerramento, Artur Santos Silva, "chairman" do Banco BPI e presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, apontou uma saída: "O nosso caminho para a Índia no século XXI tem de ser feito de mãos dadas pela Ciência e pelas empresas, como aconteceu nas Descobertas, com a Escola de Sagres", afirmou.

Antes, os participantes escutaram personalidades como o académico e escritor Jaime Nogueira Pinto — que deu uma verdadeira aula sobre

os principais nós com que a geopolítica vai apertando a globalização económica —, e os gestores Miguel Lisboa (Takargo), Fernando Vieira (ANA/grupo Vinci), Mira Amaral (Banco BIC), Jónio Reis (Bosch Portugal), João Taborda (Embraer), Marta Maia (Jerónimo Martins) e Bernardo Brito e Faro (Sogrape). As apresentações que fizeram deixaram claro que, neste momento, Portugal convive tanto com ameaças como com oportunidades na sua relação com o mundo. Mas há saídas, como evidenciaram, nas suas comunicações, o investigador Cláudio Sunkel, do IBMC — Instituto de Biologia Molecular, o administrador da AICEP Vital Morgado ou o embaixador Francisco Seixas da Costa.

Para tanto, o nosso país tem de saber conjugar a gestão das finanças públicas com o apoio ao investimento das empresas, o aproveitamento do potencial instalado nos centros de saber e conhecimento e, sobretudo, criando condições para que a geração mais bem preparada de sempre encontre, hoje e aqui, motivos suficientemente fortes para se reencontrar com o país e lhe proporcionar o retorno que eles próprios e Portugal fizeram na sua formação.

Na palestra de encerramento, Artur Santos Silva destacou o facto de Portugal ter ainda muito a fazer para "recuperar a credibilidade", tarefa que passa pelos políticos ("convergência" e "cooperação"), mas também pelos cidadãos. "Não podemos recusar o nosso contributo individual se formos mobilizados coletivamente pela verdade e esperança", afirmou o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, que preconiza uma "estratégia de longo prazo" para o país, propícia ao relançamento do investimento

privado, às exportações, às atividades de I&D "para as empresas ou nas empresas", à produção cultural e à afirmação das indústrias criativas e, também, à valorização dos nossos recursos naturais.

Se assim acontecer, como Santos Silva deseja, Portugal voltará a ocupar um lugar na primeira linha da política europeia, contribuindo para reequilibrar um quadro "desigual", em que a Alemanha "manda na Europa". Mas, salientou, nós "precisamos de melhor Europa", de "uma Europa mais solidária e mais visionária", capaz de "responder às dificuldades". Para isso, o Governo da chanceler Merkel tem de deixar de atuar "obcecado com a situação orçamental", disse.

De outra forma, as fragilidades da economia portuguesa "difícilmente" poderão ser superadas e perder-se-á "mais uma grande oportunidade", consubstanciada no acordo de parceria entre Portugal e a União Europeia.

Sem iludir os principais focos de tensão de um mundo "marcado pelas ideologias", de confiança no país e nos portugueses foi também a comunicação de Jaime Nogueira Pinto na palestra de abertura da quinta edição deste encontro empresarial anualmente organizado pelas fundações AEP e de Serralves.

Para aquele professor universitário e escritor, Portugal pode enfrentar com êxito os desafios da globalização económica e das "incertezas políticas" se se voltar a afirmar como "nação antiga, com grande capacidade de viver e sobreviver". Somos um povo que sabe "valorizar as suas fronteiras e defender a independência nacional", destacou. E essas características "históricas e civilizacionais" podem-nos ser úteis num "mundo de geometria variável", em que a demografia, as fronteiras, a energia e a alimentação são causas de preocupantes conflitos.

No fundo, é ter presente o "exemplo do Infante D. Henrique" no primeiro movimento de globalização, sublinhou Nogueira Pinto, numa evocação partilhada, horas depois, por Artur Santos Silva.

Para além da situação de Portugal num mundo de incertezas, nas jornadas foram abordadas cinco questões determinantes para a afirmação de Portugal na era da globalização: as ligações ao exterior, o investimento estrangeiro no país, a atividade e o investimento português além-fronteiras, o papel e a organização do nosso comércio externo e o contributo das universidades para a projeção de Portugal no mundo.